

# atlas de **RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

NÚMERO 3

## EVOLUÇÃO PARA UM MERCADO COMUM

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Gerais. 2 — Aspecto Econômico-Político.  
3 — Um Mercado Comum e a posição do Brasil .. 2

## A IUGOSLÁVIA: NOVOS RUMOS

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Geoeconomia. 2 — Evolução da Política Econômica.  
3 — A "Revolução" de Julho de 1966. 4 — Entre  
Oeste e Leste ..... 11

## ESTADOS DO NORDESTE AFRICANO

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Núcleo Geo-Histórico. 2 — Aspectos Geo-Econômicos.  
3 — O Problema das Fronteiras ..... 17

## A INDONÉSIA E O SUDESTE ASIÁTICO

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — A Insulândia. 2 — Recursos Econômicos. 3 — Precedentes Históricos. 4 — A Independência. 5 — Evolução Política. 6 — Política Exterior ..... 22

CADERNO ESPECIAL  
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA  
XXIX — N.º 3

---

# EVOLUÇÃO PARA UM MERCADO COMUM

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBG

## 1 — Aspectos gerais

Quando a maior parte dos governos europeus chegou a conclusão de que as dificuldades da Europa se relacionavam com a sua divisão tanto política como econômica, criaram o *Mercado Comum Europeu*. Uniram-se por um projeto liberal, transformando o comércio numa associação livre, intensificando as trocas entre seus membros.

A América ao contrário, tem sua união baseada apenas num *sistema político de coexistência pacífica e solidária*. Os Estados Unidos, que lideram a *política pan-americana*, ainda não atinaram de modo efetivo para *as necessidades de um pan-americanismo econômico*. Assim, diz Helio Lobo “não é o continente americano quanto à economia, o bloco que se orgulha de ser no aspecto político e espiritual”. A mais perfeita reintegração política da América Latina, está hoje condicionada à integração econômica. Uma das razões desta desintegração econômica está ligada ao fato de existirem aqui mercados fragmentados, que limitam, por sua vez, o processo tão necessário da industrialização. Baseado nesta premissa, o Secretário Francês Maurice Faure, quando da formação do Mercado Comum Europeu, disse o seguinte: “Ainda estamos vivendo a ficção de 4 grandes poderes. Na realidade existem apenas dois: Estados Unidos e Rússia. Amanhã haverá um terceiro: China”.

Exortando ao mais perfeito entendimento as nações que assinariam o Tratado de Roma (1957) concluiu: “Depende de vós a existência de um quarto — a Europa. Se fracassardes nesta eleição condenar-vos-ei a caminhar de costas para o futuro”.

Porque não formamos, nós americanos, esse quinto poder através da ALALC (Associação Latino Americana de Livre Comércio)? Para tal, não resta dúvida, necessitamos da *ajuda dos Estados Unidos*, cujas finalidades na América Latina se resumem na *defesa da região contra o comunismo*, através da implantação da *democracia efetiva*; tais fundamentos só serão concretizados através do *desenvolvimento econômico dos países latino americanos*.

Segundo Eduardo Frei: “Nenhum quadro do presente ou do futuro da América pode ser esboçado sem a consideração *das relações existentes entre os Estados Unidos da América do Norte e os Estados Desunidos da América do Sul*”.\*

Verificamos, de início, que há uma enorme distância entre as duas Américas, tanto no setor econômico quanto no social. Graças à política extraterritorial desenvolvida pelos Estados Unidos, as relações entre as duas Américas estão cada vez mais se afastando; chegaram a um ponto tal que o então presidente Juscelino Kubitschek aconselhou uma maior aproximação que a OPA (Operação Pan-Americana) tentou corrigir, através do fundo financeiro da “Aliança para o Progresso”.

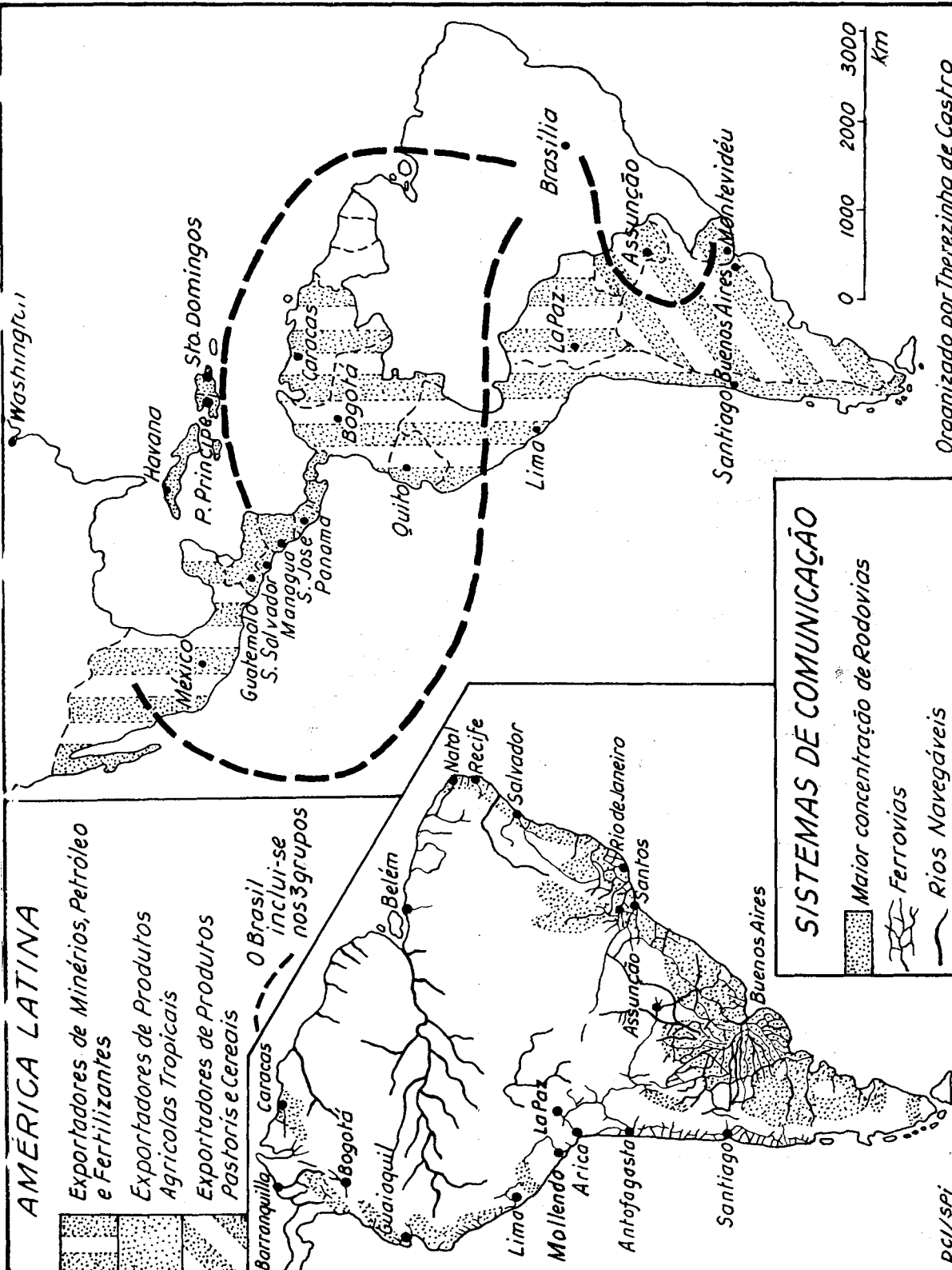
Formando uma barreira para o desentendimento mútuo, o *comunismo* surge como a bandeira da libertação. Neste caso, a ausência dos Estados Unidos, poderá pôr a perder a América Latina (como já o perderam 400 milhões de chineses) que já sofreu de um mal geral que contagia as áreas subdesen-

\* Os grifos são nossos.

# AMÉRICA LATINA

- Exportadores de Minérios, Petróleo e Fertilizantes
- Exportadores de Produtos Agrícolas Tropicais
- Exportadores de Produtos Pastoris e Cereais

O Brasil inclui-se nos 3 grupos



### SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO

- Maior concentração de Rodovias
- Ferrovias
- Rios Navegáveis

Organizado por Therezinha de Castro

DCI/SPI

volvidas — o *nacionalismo*. Tal nacionalismo, leva alguns elementos da América Latina, embora formem a minoria, a um *anti-americanismo*, cujos germes são encontrados na propaganda e infiltração comunistas. (Vide quadro estatístico n.º 1.)

Considerando a América Latina como ponto pacífico, os Estados Unidos passaram a concentrarem-se nos problemas que julgavam mais agudos — na Europa, Ásia e África. Uma das provas mais patentes do afastamento em que se encontravam os Estados Unidos do continente americano, foi o *movimento comunista que eclodiu em Cuba*, a 90 milhas apenas do território estadunidense. Cuba transformara-se em cabeça de ponte para o comunismo, abalando a paz no continente e ameaçando a maioria das nações latino-americanas. Ilha produtora de açúcar, como nação, Cuba jamais conseguiu sair da monocultura agrícola e nem industrializar-se; os dólares obtidos na venda do açúcar eram todos gastos na importação de gêneros alimentícios.

De acôrdo com as conclusões de Pedro Teichert: “o que ocorreu em Cuba foi uma *reação violenta às injustiças sociais e econômicas que predominavam na América Latina*”.

Nos últimos anos, a Venezuela, o Brasil, o Chile e, mais recentemente, a República Dominicana escaparam por um triz das garras comunistas.

## 2 — Aspecto econômico — político

Calcula Eduardo Frei que a: “América Latina terá uma população de cerca de 500 milhões na próxima passagem do século, e que terá continuado a gravitar no sentido da auto-expressão”.

Econômicamente, a América Latina extrutura-se ainda como *fonte de matérias-primas*, dependendo para sua subsistência da *exportação monocultora* de alguns produtos (vide quadro estatístico n.º 3). Esses produtos estão sujeitos a *flutuações no mercado* e a

mercê da maior ou menor procura, efetuada por regiões industrialmente desenvolvidas. Porém, de um modo geral, as exportações da monocultura agrícola especialmente produzem grandes lucros. No entanto, tôda a riqueza da América Latina concentra-se nas mãos de *pequena minoria latifundiária*, concorrendo assim para o estabelecimento de uma *classe média pouco numerosa e influente*; o quadro geral é completado pela *pobreza generalizada*. Daí a *instabilidade política*, causada pelo descontentamento contra um govêrno que é acusado de dominado pelos latifundiários. (Vide quadro estatístico n.º 2.) Diz Pedro Teichert: “É de lamentar muito, portanto, que o tipo de ajuda exterior e intervenção que os Estados Unidos tradicionalmente dispensam e seguem com relação ao processo de crescimento das nações latino-americanas, geralmente resulte em subseqüente retrocesso: contribui para manter o velho sistema social e econômico da América Latina, como também a estrutura tradicional dessas Repúblicas e o que equivale ao mesmo, a ajuda externa do tipo supramencionado impede a revolução social necessária para lançar as bases em que será constituído um nôvo sistema econômico de produção e orientação nacional, a serviço exclusivo da população local.

Após a I Grande Guerra, *as exportações dos produtos de base da América Latina foram restringidas pelos Estados Unidos* que encontraram mais vantagens nos produtos tropicais e subtropicais orientais. O bloqueio submarino alemão e a entrada dos japoneses na II Grande Guerra, levaram os Estados Unidos a procurarem de nôvo, com intensidade, os mercados latino-americanos que lhes forneceu as principais matérias-primas para as indústrias bélica e civil. A partir daí a América Latina ficou numa *maior dependência comercial com os Estados Unidos*, visto haver perdido em grande parte o intercâmbio com a Alemanha, Itália e, principalmente com a Inglaterra que procurou garantir os mercados das uni-

dades políticas que integraram a comunidade britânica. Tal dependência cresceria ainda mais, com a formação do Mercado Comum Europeu que se supre dos produtos tropicais, nas antigas colônias francesas africanas, hoje membro da nova Comunidade criada por De Gaulle.

“Em parte por motivos econômicos e em parte por políticos”, diz Dias Carneiro, voltaram-se novamente os Estados Unidos para seus antigos abastecedores na Ásia, causando contra este país, justo ressentimento por parte dos latinos-americanos. Em princípios de 1946, já a balança de comércio com os Estados Unidos se tornara desfavorável à América Latina, cujos governos, por medida de precaução, embora tardia, passaram a estabelecer controles cada vez mais estritos sobre as importações e proveniências dos Estados Unidos e procuravam estabelecer seu comércio tradicional com a Europa”. A má vontade dos latino-americanos contra os Estados Unidos, está no fato de que além do *sistema regional de cooperação política e militar* que a OEA (Organização dos Estados Americanos) procura pôr em vigor, deve ser estabelecida tal compreensão também no campo econômico. Ora, sabendo-se quais os produtos exportáveis da América Latina, pode-se deduzir que tal cooperação econômica implicaria no abandono das regiões asiáticas que, assoladas pelas depressões, seriam presas por instabilidades políticas e cairiam na esfera soviética.

Por outro lado, observando seu *pronunciado desequilíbrio econômico*, a América Latina, até então exclusiva fornecedora de matérias-primas, resolveu, a partir da I Guerra Mundial, tentar a sua *industrialização*. A depressão econômica (1929-30) deu ainda mais convicção aos países latino-americanos, de que estava no setor industrial a sua salvação econômica, já que a instabilidade comercial do nosso continente ligava-se à dependência da exportação de um ou dois produtos.

A América Latina fôra sempre *foco da exploração por parte de empresas estrangeiras*. A Venezuela, por exemplo, tem seu produto base de exportação nas mãos de grandes empresas de petróleo ligadas a investimentos estrangeiros; o Panamá tem grande parte de suas rendas concentradas também no canal, em mãos estrangeiras; na maioria dos países Latino-Americanos, cujos governos não podiam explorar o sistema de telecomunicações, rês de esgôto, ferrovias, rodovias, etc., as empresas estrangeiras suprimam tais deficiências. Por isso, a América Latina passou a sofrer de um mal geral que contagiara o mundo subdesenvolvido — a *desconfiança*; esta gerando o nacionalismo obrigou os governos, muitos sem condições ainda, de expropriar, encampar ou confiscar tais empresas, sob alegação de que as mesmas colhiam lucros extraordinários em detrimento do operariado nacional. Por sua vez, tais medidas serviram para *espantar os investimentos estrangeiros*, contribuindo ainda para a decadência de algumas empresas pela falta de capitais oficiais para a sua manutenção e experiência técnica para o seu progresso. Assim sendo, o *fenômeno da inflação na América Latina* ficou diretamente ligado à falta de capitais estrangeiros que nela deveriam ser investidos. Assim, conclui Dias Carneiro: “A abstenção do governo americano em não inverter capital substancial em certos países, cujas circunstâncias econômicas já permitem um emprêgo criterioso dessas inversões, é interpretado pelo capital privado americano como indicação de pouca confiança que o governo dos Estados Unidos deposita nesses países. Por outro lado, êsses mesmos países, que já no passado sofreram os desmandos do capital privado estrangeiro, recusam-se, não apenas por motivo de pura emotividade nacionalista a oferecer a êsse capital as vantagens que lhe nega o próprio governo do país de origem”.

A *insuficiência desta industrialização na América Latina* foi motivada ainda por outros fatores estudados por

José Garrido Torres, que destaca, em primeiro lugar, o *paralelismo e concorrência de indústrias similares* mais fortemente estabelecidas em outras áreas. Por outro lado, as indústrias viram-se *privadas pela renovação de equipamentos*; alguns países, em vez “de produzir maior variedade, pela competição aos fatores de produção, a industrialização, restringiu o número de bens exportáveis”.

A redução de divisas tornou a indústria nesses países uma capacidade ociosa e improdutiva com preços de consumo elevados, no que contribuiu para o processo inflacionário de financiamento”. Um comércio exterior reduzido a um pequeno número de produtos e países, no qual a uma conspícua preponderância dos Estados Unidos e da Europa e tão diminuta participação regional, não constitui perspectiva promissora para a industrialização da América Latina”.

### 3 — Um mercado comum e a posição do Brasil

As grandes esperanças voltaram-se assim para o *Mercado Comum Latino Americano*, ainda em fase de contratações.

“The Economist” (19 de maio de 1967) estuda os *fatores negativos da ALALC* (Associação Latino Americana de Livre Comércio). Afirma que uma das causas do atraso em que se encontram ainda as negociações, está vinculada às *decisões políticas*. As nações latino-americanas buscam ainda um entendimento. Não há unanimidade de opiniões a respeito do nível de dirigismo econômico que poderá reger na região, nem sobre a importância que se deveria conceder às reivindicações empresariais no setor privado. A reunião da CEPAL (Comissão Especial para a América Latina) em La Guaira, segundo informações de seu secretário-executivo, Raul Prebisch, transferiu a data fixada para este mercado comum de 1980 para 1985; mostrava-se, no

entanto, o Dr. Prebisch, porque a integração econômica havia adquirido certa base política que lhe faltava. As normas para a estrutura deste mercado foram também elaboradas, em bases que serão objeto de estudos mais amplos.

“Há mais similaridade entre um chileno, um colombiano e um brasileiro, do que entre dois indivíduos da Lombardia e de Nápoles”, afirma Eduardo Frei. “Entretanto, os italianos formaram uma nação. Nós damos por satisfeitos com o nosso progresso, quando cada uma das nossas nações constrói uma usina siderúrgica. Afirmamos então que estamos industrializando e sentimos que estamos ficando independentes uns dos outros, embora as folhas do balanço revelem que cada dia nos tornamos mais dependentes... se cada um reconhecesse os objetivos dos outros e se ligassem por laços criados pelas mesmas normas ideológicas e por atitudes idênticas diante da vida, haveria alguma forma de integração nacional”. Para tal a *liderança dos Estados Unidos* seria imprescindível. Deveriam os Estados Unidos agir com o mesmo entusiasmo que os contagiaram o estabelecimento da Europa unida, pois viram nisso um fator de criação da estabilidade mundial.

A *falta de transporte e deficiência nos meios de comunicação* é, para muitos, outra grande dificuldade com que se defronta a ALALC. O apoio financeiro dos Estados Unidos poderia melhorar essa infra-estrutura atual da América Latina, representando a origem de recursos bastante úteis para a construção de rodovias, aquisição de veículos etc., tal modernização estrutural depende muito mais das finanças do que das decisões políticas. No entanto, a melhoria nestes meios de comunicação e a eliminação das fronteiras comerciais, iriam segundo alguns opositores da ALALC, *provocar o desenvolvimento de alguns países latino-americanos em detrimento de outros*. Tal fenômeno que já se processa seria

assim acelerado. Inúmeros são os paraguaios e uruguaios que já se transferem para a Argentina em busca de melhores horizontes; o *Brasil*, embora de língua diferente é também grande centro de atração. Dentro de tal premissa, além deste movimento de pessoas das áreas menos promissoras, para as mais desenvolvidas, estas últimas iriam canalizar para si também os grandes capitais. Por outro lado, esse desenvolvimento se restringiria não aos países mais promissores, como por exemplo o Brasil, Argentina, Chile ou México, e sim para a *integração dos centros industriais* de São Paulo, Buenos Aires, Santiago e cidade do México. Em suma, isto viria acelerar ainda mais o *crescimento econômico e demográfico das grandes cidades* em prejuízo das zonas rurais e centros urbanos de menor desenvolvimento. De fato, tudo indica que as primeiras conseqüências da ALALC seriam essas; mas quem poderá negar que uma vez ligados esses principais pontos, o seu desenvolvimento não se projetaria no *sentido da integração continental*? Dizem Garrido Torres e Euzébio Campos que: “a economia universal parece estar evoluindo no sentido de organizar-se segundo grandes espaços econômicos integrados e não mais em termos de países isolados. O fenômeno significa que, identificados em certa medida entre si, os países procurariam o natural desenvolvimento de seus próprios mercados em territórios mais ou menos contíguos e o fortalecimento de sua estabilidade econômica, atenuando sua independência, hoje excessiva, de centros comerciais longíquos”. A integração latino-americana, *encorajaria os investimentos de capitais estrangeiros* que vêm maior perigo no âmbito nacional do que no regional.

O receio de alguns países latino-americanos em se lançarem neste empreendimento comercial, leva alguns economistas a aconselharem a *formação de um mercado de modo gradual e progressivo*, procedendo-se de forma

paulatina e constante tanto quanto a países quanto a produtos. Assim conclui Garrido Torres: “Se os países que acordassem entre si o estabelecimento de um mercado vertical e entendessem ampliá-lo com a inclusão de áreas de consumo representadas por outros países que jamais poderiam explorar aquele tipo de indústria, talvez pudessem lograr esse objetivo, propondo acordos que dessem acesso, em seus mercados, às indústrias dos segundos”. Esta política está explícita no Acordo Sub-Regional Andino, em fase de andamento; se conseguir unir o Chile, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e Bolívia dará o primeiro passo regional para se atingir o comércio geral.

No Brasil há quem receie que o mercado comum prejudique a indústria nacional; havendo em outros países a preocupação da grande afluência dos capitais para o Brasil que possui em São Paulo o maior parque industrial da América do Sul, como também a maior variedade dos produtos encontrados no continente.

Ora o *Brasil é o país americano que apresenta os desníveis mais acentuados* com relação ao seu desenvolvimento; basta olhar a Amazônia e observar a região Sul. O Brasil possui dentro de si áreas desenvolvidas e subdesenvolvidas. Assim sendo, nesta integração econômica, teremos a vantagem do *desenvolvimento de certas áreas brasileiras* e estas, por sua vez, em contacto com outros países, levará a eles também o progresso. Ocupando o Brasil uma área que cobre a metade da América do Sul poderá, participando do *mercado regional no sentido vertical*, igualar nosso progresso interno e transmiti-lo aos países fronteiriços, se houver para tal conjugação de esforços. No entanto é tese de Jacques Lambert que ainda somos *um país que virou as costas para a América Latina*.

A nossa mentalidade atlântica nos faz ainda muito apegados a Europa e aos Estados Unidos.

1. — Partidos Comunistas da América Latina

ESTATÍSTICA

| PAÍSES               | Partidos Comunistas — pró-soviéticos  | Partidos Comunistas dissidentes ou apartidários  | OBSERVAÇÕES   |
|----------------------|---|--|---|
| Argentina            | Partido Comunista 100 000 membros   | Partido Revolucionário dos operários pró-China   |   |
| Bolívia              | Partido Comunista Boliviano — 4 000 membros   |  | Há alguma dissidência no Partido  |
| Brasil               | Partido Comunista Brasileiro 25 000 membros   | Partido Comunista do Brasil pró-China 1 000 membros  |   |
| Chile                | Partido Comunista do Chile — 30 000 membros   | Pró-China: Vanguarda Nacional Marxista — Partido Trotskyniano-Revolucionário; Grupo Spartacus  | Está se procurando uma união dos grupos extremistas para a formação de um único grupo pró-China |
| Cuba                 | Partido unido da Revolução Socialista 36 000 membros                                  |  | Neutralidade na disputa sino-soviética  |
| Colômbia             | Partido Comunista da Colômbia 10 000 membros  | Pró-China: Partido Comunista Marxista-Leninista, Movimento dos Operários — Camponeses e Estudantes (MOEL), Partido Socialista Revolucionário (Trotsky) | PC Marxista-Leninista está em processo da formação  |
| Costa Rica           | Partido da Vanguarda Popular — 300 membros  |  |   |
| Equador              | Partido Comunista do Equador — 2 500 membros  |  | Há minoria pró-Rússia no PC Equatoriano   |
| El Salvador          | Partido Comunista Salvadorenho — 500 membros  |  | Existem alguns dissidentes no Partido   |
| Guatemala            | Partido Guatemalteco Trabalhista — 1 500 membros                                      | Movimento "13 de novembro" pró-China   |   |
| Haiti                | Parti d'Entente Populaire (PEP) 100 membros Parti — Populaire de Libération Nationale |  | Os dois Partidos apoiam a URSS discordando apenas em assuntos internos                          |
| Honduras             | Partido Comunista Hondurenho — 1 500 membros  |  |   |
| México               | Partido Comunista Mexicano — 5 000 membros  | Pró-China: Partido Comunista Bolchevista, Liga Leninista Spartacus Front dos Operários Comunistas; Partido dos Operários e Agricultores Mexicanos      | Existe também facção pró-China dentro do Partido Comunista Mexicano                             |
| Nicarágua            | Partido Socialista da Nicarágua — 300 membros   |  |   |
| Panamá               | Partido Popular do Panamá — 150 membros   | Vanguarda de Ação Nacional (Fidelista)   |   |
| Paraguai             | Partido Comunista do Paraguai — 3 000 membros   | Partido Comunista Leninista Paraguai   | Há discordâncias em assuntos internos, mais do que na questão sino-soviética                    |
| Peru                 | Partido Comunista Peruano — 9 000 membros   | MIR E FIR (Fidelista)  | Os dissidentes do PCP hoje pró-China aumentaram seu prestígio                                   |
| República Dominicana | Partido Socialista Popular Dominicano 1 000 membros                                   |  |   |
| Uruguai              | Partido Comunista do Uruguai — 7 000 membros  | Movimento de Ação Camponesa (MAC)  |   |
| Venezuela            | Partido Comunista da Venezuela — 35 000 membros                                       |  | Existem Comitês para estudar a disputa sino-soviética   |



## Concentração da Propriedade Latifundiária na América Latina

| PAÍSES                    | Número de Propriedades | % de Propriedades com 1 000 ou mais hectares | % de Propriedades de 1 000 hectares ou mais sobre o total de terras das Propriedades já existentes |
|---------------------------|------------------------|--|--|
| Argentina.....            | 564 891                | 5,1  | 74,8   |
| Brasil.....               | 2 064 842              | 1,6  | 50,8   |
| Bolívia.....              | 86 377                 | 6,3  | 61,4   |
| Chile.....                | 147 652                | 2,2  | 73,2   |
| Cuba.....                 | 159 958                | 6,5  | 36,1   |
| Colômbia.....             | 820 842                | 0,54   | 31,02  |
| Costa Rica.....           | 47 286                 | 0,3  | 29,6   |
| República Dominicana..... | 276 848                | 1,9  | 53,3   |
| Equador.....              | 344 234                | 0,4  | 45,1   |
| El Salvador.....          | 174 204                | 0,08   | 19,9   |
| Guatemala.....            | 348 687                | 0,14   | 40,8   |
| Honduras.....             | 156 135                | 0,1  | 20,6   |
| México.....               | 1 383 212              | 0,8  | 55,6   |
| Nicarágua.....            | 51 581                 | 0,7  | 32,8   |
| Panamá.....               | 85 473                 | 0,1  | 12,6   |
| Paraguai.....             | 149 489                | 5,2  | 93,8   |
| Peru.....                 | 82 122                 | 4,6  | 66,5   |
| Uruguai.....              | —                      | —  | —  |

(As três Principais Exportações)

## Concentração de Exportação e Importação na América Latina

| PAÍSES                    | Produtos | % do total | % para os E. U. |            |
|---------------------------|----------|------------|-----------------|------------|
|                           |          |            | Exportação      | Importação |
| México.....               | Algodão  | 25,03      | 70,69           | 79,12      |
|                           | Café     | 10,59      |                 |            |
|                           | Chumbo   | 4,43       |                 |            |
| Costa Rica.....           | Café     | 25,6       | 58,70           | 55,14      |
|                           | Banana   | 32,52      |                 |            |
|                           | Cacau    | 6,09       |                 |            |
| El Salvador.....          | Café     | 75,29      | 40,52           | 51,88      |
|                           | Algodão  | 15,59      |                 |            |
|                           | Gado     | 1,20       |                 |            |
| Guatemala.....            | Café     | 72,24      |                 |            |
|                           | Banana   | 12,24      |                 |            |
| Honduras.....             | Banana   | 52,37      | 67,7            | 62,6       |
|                           | Café     | 15,18      |                 |            |
|                           | Pinho    | 9,12       |                 |            |
| Nicarágua.....            | Algodão  | 35,01      | 40,2            | 58,3       |
|                           | Café     | 34,09      |                 |            |
|                           | Ouro     | 10,30      |                 |            |
| Panamá.....               | Banana   | 48,02      | 97,7            | 52,2       |
|                           | Camarão  | 27,49      |                 |            |
|                           | Café     | 3,58       |                 |            |
| Cuba.....                 | Açúcar   | 82,9       | 69,2            | 72,9       |
|                           | Fumo     | 6,8        |                 |            |
| República Dominicana..... | Açúcar   | 46,50      | 51,21           | 64,25      |
|                           | Cacau    | 20,96      |                 |            |
|                           | Café     | 17,41      |                 |            |
| Haiti.....                | Café     | 73,8       | 49,8            | 68,6       |
|                           | Sisal    | 13,5       |                 |            |
|                           | Açúcar   | 2,0        |                 |            |

(As três Principais Exportações)

Concentração de Exportação e Importação na América Latina

| PAÍSES         | Produtos                | % do total | % para os E. U. |            |
|----------------|-------------------------|------------|-----------------|------------|
|                |                         |            | Exportação      | Importação |
| Brasil.....    | Café                    | 55,01      | 44,10           | 37,15      |
|                | Cacau                   | 7,18       |                 |            |
|                | Açúcar                  | 5,34       |                 |            |
| Argentina..... | Carne                   | 29,72      | 12,92           | 17,13*     |
|                | Cereais                 | 26,90      |                 |            |
|                | Lã                      | 9,97       |                 |            |
| Bolívia.....   | Estanho                 | 65,14      | 33,8            | 46,7       |
|                | Chumbo                  | 10,66      |                 |            |
|                | Prata                   | 9,53       |                 |            |
| Chile.....     | Minerais e Me-<br>tais  | 80,82      | 40,70           | 52,37      |
|                | Produtos Metá-<br>licos | 6,69       |                 |            |
|                | Produtos Agrí-<br>colas | 4,20       |                 |            |
| Colômbia.....  | Café                    | 78,09      | 71,18           | 62,19      |
|                | Óleo cru                | 14,66      |                 |            |
|                | Banana                  | 1,71       |                 |            |
| Equador.....   | Banana                  | 36,57      | 56,65           | 52,57      |
|                | Café                    | 27,31      |                 |            |
|                | Cacau                   | 21,44      |                 |            |
| Paraguai.....  | Madeiras                | 22,42      | 25,33           |            |
|                | Carne enlatada          | 16,38      |                 |            |
|                | Algodão                 | 11,24      |                 |            |
| Peru.....      | Algodão                 | 26,8       | 38,7            | 51,5       |
|                | Açúcar                  | 12,2       |                 |            |
|                | Chumbo                  | 7,7        |                 |            |
| Uruguai.....   | Lã não traba-<br>lhada  | 45,78      | 8,3             | 13,4*      |
|                | Outras lãs              | 15,54      |                 |            |
|                | Trigo                   | 10,73      |                 |            |
| Venezuela..... | Petróleo                | 91,16      |                 | 60,53      |
|                | Minério de ferro        | 5,03       |                 |            |
|                | Café                    | 1,55       |                 |            |

\* Comércio com a Europa.

**FONTES**

- BC — SEMANAL n.º 170 — 12 de julho de 1965.
- *Agrarismo y Tierra en Latinoamerica* — Harry Kantor, Combate, San José, Costa Rica, Vol. III n.º 14

— Janeiro e Fevereiro de 1961, págs. 10-11.

- *Statistical Abstract of Latin America*, 1960 (Los Angeles: Center of Latin American Studies, University of California), pág. 38.

# A IUGOSLÁVIA: Novos Rumos

DELGADO DE CARVALHO

## 1 — Geoeconomia

Dez anos depois de se tornar unido e independente, o “Reino dos Sérvios, Croatas e Slovenos” tomou, em 1929, o nome de *Iugoslávia*, agrupando assim, no termo genérico de “Slavos do Sul”, os elementos de suas etnias. Em 1945, a monarquia de Pedro II, da dinastia Karageorgevitch, foi substituída por uma república federal.

A Iugoslávia atual entra na categoria dos países, ditos balcânicos, que a Europa e o mundo em geral consideram como de importância secundária. Entretanto, é este país um dos mais ricos do continente por duas razões principalmente: em primeiro lugar pelas suas reservas energéticas de hidreletricidade e, em segundo lugar, pelas suas imensas riquezas minerais. Daí resultam notáveis possibilidades de industrialização.

Sob a latitude média de 44° N, o país é dotado de três climas definidos: o *clima panoniano*, continental moderado nas planícies do norte que prolongam as feições geográficas da Hungria; o *clima mediterrâneo* que abrange a costa dalmática do Adriático e a Macedônia; por fim, o *clima montanhês* das serras, mais ou menos paralelas na direção sudeste, dos *Alpes Dináricos*.

As planícies do norte (Voivodina, Bashka e Banat) cobertas de loess, são as mais próprias às *culturas*, prestando-se até 70% à agricultura e à pecuária (trigo, milho, aveia e culturas industriais como lúpulo, beterraba e cânhamo). A vertente adriática cultiva frutas e tabaco (oliveira, videira, amoreira e arroz). As serras, mais úmidas na vertente norte, são matosas e se prestam à *pecuária*; na vertente sul,

sêca e calcárea, vinga a criação de suínos e de carneiros.

A Iugoslávia é o país europeu que contém as maiores *riquezas minerais*: é o primeiro da Europa na produção de chumbo, de cromo, e de antimônio; é o segundo no continente em cobre, zinco e mercúrio, o terceiro em bauxita. Possui também jazidas de ferro, de manganês e de magnetita. Antes da II Guerra Mundial, a exploração desta variada riqueza mineral era feita por companhias estrangeiras, principalmente britânicas e francesas, hoje nacionalizadas, nas quais o govêrno iugoslavo já possuía de 70 a 80% dos interesses. Em consequência, o seu desenvolvimento passou a ser mais lento, em razão da dependência em que se acha o país do aparelhamento de máquinas, geradoras e turbinas, de exterior.

Entretanto, é um fato favorável a grande procura que revela a Europa dos minérios que pode oferecer a Iugoslávia.

Quanto às possibilidades energéticas são, de um lado, consideráveis pelas reservas de *linhito*, do outro, pelo *potencial* hidrelétrico avaliado em 60 milhões de Kw da rede hidrográfica dos rios Sava, Drava, Morava e afluentes. Em 1939 era de 1 bilhão e 100 mil a produção; em 1964, subia de 8 bilhões (eletricidade e hidreletricidade).

A Iugoslávia com seus 20 milhões de habitantes já ultrapassou a média de 75 000 habitantes por km<sup>2</sup> e os distritos agrícolas dispõem de excedentes de mão-de-obra, o que demonstra a necessidade de desenvolver a industrialização, tanto mais que, a não ser os capitais e o aparelhamento custoso, os elementos não faltam.

A complexidade populacional da Iugoslávia pode ser descrita do seguinte modo: é uma república que tem uma capital, *Belgrado*; dois alfabetos, o cirílico e o latino; três línguas, o servo-croata o sloveno e o macedônio; quatro religiões, islamismo, catolicismo, protestantismo e ortodoxia grega; cinco nacionalidades: *croatas, macedônias, montenegrinos, sérvios e slovenos*; e por fim, seis unidades federadas: *Bósnia-Herzegovina, Montenegro, Croácia, Macedônia, Sérvia e Eslovênia* e 2 territórios autônomos.

Econômicamente, o país chegou a um ponto que exige uma rápida expansão do mercado interno para o consumo da produção industrial e uma vultosa exportação para compensar as necessárias importações de equipamentos.

A *geopolítica da Iugoslávia* apresenta um dos aspectos mais interessantes da História Contemporânea. É a expansão de um país que, ao se libertar do jugo turco, reuniu aos poucos os eslavos do sul, estendendo as suas aquisições para todos os setores do horizonte.

A *Sérvia* de 1817 expandiu-se para o sul em 1878. (Nich). As guerras balcânicas levaram-na para a *Macedônia* em 1913. Pouco depois, unia-se ao *Montenegro* (1918). Com o fim da Guerra Mundial adquiriu, para o oeste, a *Bósnia-Herzegovina, a Croácia, a Eslovênia* e, para o norte a *Voivodina* (1919-1923). A II Guerra Mundial firmou-lhe a posse de *Istria*, embora sem Trieste. Assim formou-se uma nação ocupando um território de 256 mil quilômetros quadrados, isto é com a superfície de São Paulo ou do Rio Grande do Sul. Por isso foi dito que a Sérvia do século XIX foi a “Itália dos Balcãs”, pois ao redor dela se formou a unidade dos eslavos do sul.

## 2 — Evolução da política econômica

Durante a ocupação nazista do país, a resistência monárquica dos *Cetniks*, sob o comando de Mihailovics e os “partizanos” comunistas de *Josip*

*Tito* se tinham ligado contra os invasores. Quando se deu a derrota do Eixo, o partido de Tito, reclamando a instituição de uma república federativa, recebeu apoio das populações e os *Cetniks* foram perdendo o contrôlo do país.

Pouco depois da libertação, afastado o rei Pedro, a Iugoslávia se tornou “satélite” dos soviéticos russos, alinhando-se na política comunista de Moscou. Revelou-se então Tito decididamente anti-ocidental. Em 1945, eram confiscadas as grandes propriedades; adotava-se o *planejamento quinquenal*, as empresas eram *nacionalizadas* e era visada a *industrialização*.

Cedo, porém, apareceram as divergências entre Moscou e Belgrado; Tito admitia mal a fiscalização russa de sua política. A realização dos planos soviéticos constituía uma larga ação de conjunto que não permitia desvios e abrangia todas as nações comunistas, ditas satélites. Continuava a execução do primeiro plano quinquenal iugoslavo sob a inspiração soviética, mas na sua realização verificavam-se muitas falhas: cerca de 90% dos compromissos da Rússia (altos fornos) da Hungria (estações hidrelétricas) da Polônia (carvão) e da Tchecoslováquia não foram atendidas na Iugoslávia que tanto havia sido prejudicada na última Guerra. Sob pretexto de divergências ideológicas a Iugoslávia foi eliminada, em 1948, do *Cominform*. Em consequência, a Albânia ficava isolada do mundo comunista e os auxílios iugoslavos aos comunistas gregos em luta contra a realeza foram suspensos. As causas de ruptura com Moscou foram pois muito mais econômicas e nacionalistas do que doutrinárias. Privada quase totalmente do comércio exterior com o bloqueio das exportações das nações socialistas e das importações destas nações, a Iugoslávia se achava em crise, que uma forte seca e fome vieram agravar em 1950. Acabava assim a denominada fase “stalinista” da política de Tito.

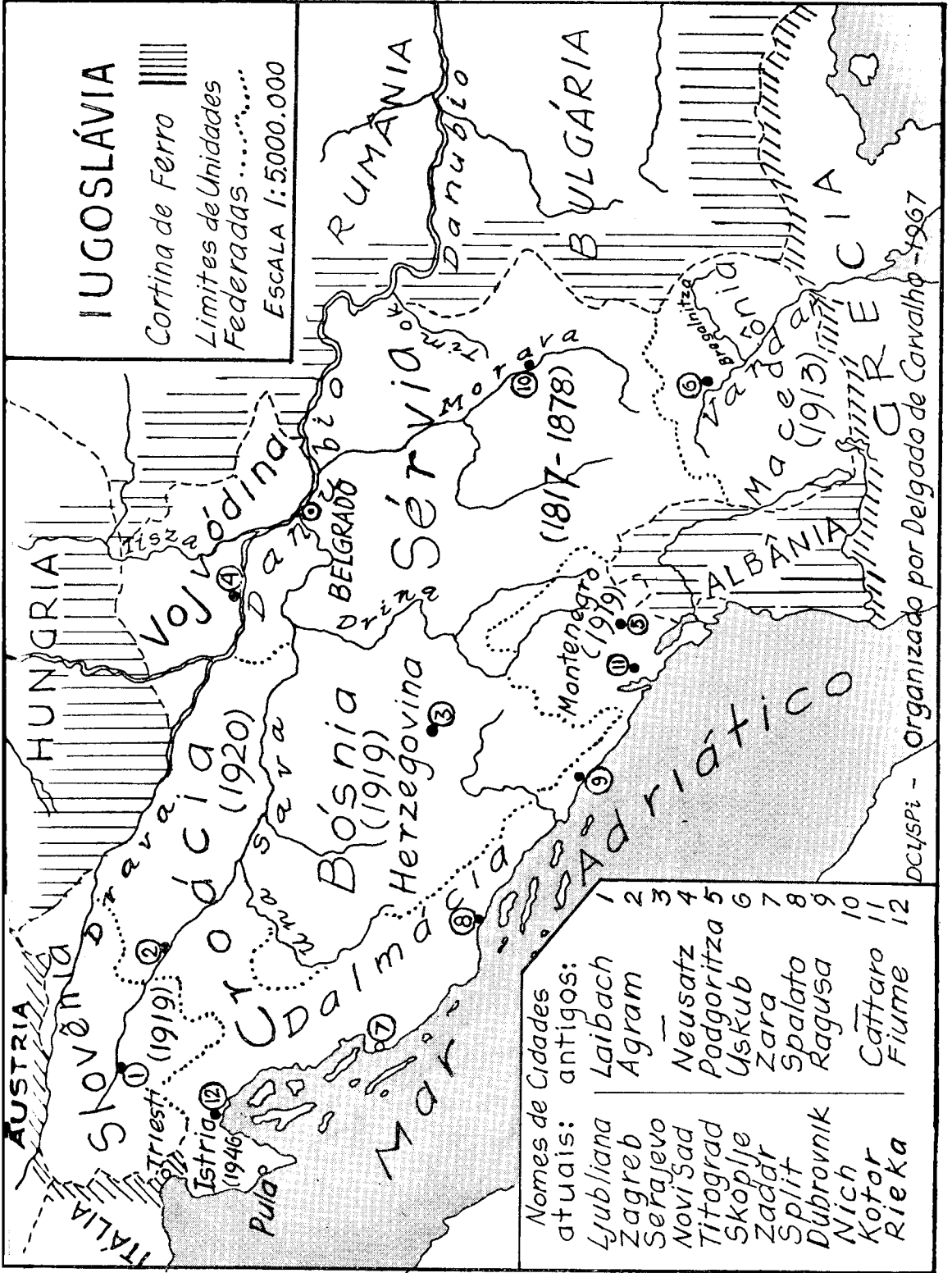
A partir de dezembro de 1949, entra a fase titoísta de política iugoslávia.

# IUGOSLÁVIA

Cortina de Ferro |||||

Limites de Unidades Federadas ..... ..

ESCALA 1:5000.000



Nomes de Cidades atuais: antigos:

|    |    |
|----|----|
| 1  | 1  |
| 2  | 2  |
| 3  | 3  |
| 4  | 4  |
| 5  | 5  |
| 6  | 6  |
| 7  | 7  |
| 8  | 8  |
| 9  | 9  |
| 10 | 10 |
| 11 | 11 |
| 12 | 12 |

DC45Pi - Organizado por Delgado de Carvalho - 1967

abandonando um pouco a *coletivização rural* e revendo os objetivos de seu plano, voltando-se então para os Potenciais Ocidentais e para o Fundo Monetário Internacional, Tito obteve logo a assistência da *Grã-Bretanha* e dos *Estados Unidos*.

Foram, também, concedidas as importações que não mais lhe eram concedidas pelo bloco soviético.

Para satisfazer às populações rurais foram abolidas as entregas obrigatórias de cereais, legumes e produtos da pecuária. Os objetivos industriais foram reduzidos às possibilidades da nação com um ano suplementar; o planejamento afastou-se do tipo russo, reduzindo a sua *burocracia* e voltando a uma certa *liberdade de iniciativa*. A feição mais característica do titoísmo foi a *descentralização* do sistema econômico, a entrega aos próprios trabalhadores da responsabilidade dos empreendimentos, com uma *autonomia financeira* cedida às usinas. Seguros sociais foram estabelecidos em 1950. Não se procura mais drenar mão-de-obra campesina para as indústrias. De outro lado, a educação popular passou a ser um meio de persuasão julgado superior ao sistema compulsor.

A primeira organização socialista feita com a redistribuição das terras (lei agrária de 1945) tinha estabelecido dois tipos principais de explorações rurais: a) as *fazendas coletivas* em que deviam entrar os campesinos ficando apensos com cerca de dois hectares para culturas e criação próprias da família; b) as *fazendas estatais*, isto é, administradas e explotadas por trabalhadores do governo. As primeiras equivaliam aos *kolkhoses* soviéticos, as segundas correspondiam aos *sovkhoses*. As fazendas coletivas decaíam rapidamente, encontrando grande resistência dos rurais, em parte porque nelas os comunistas ocuparam os principais postos de direção e a persiguição era severa para a entrega obrigatória dos produtos. A partir de 1952 a saída dos lavradores da fazenda coletiva foi autorizada e técnicos foram mandados aos

países escandinavos estudar outras soluções. Aos poucos foram sendo devolvidas as "coletivas", substituídas pelas *cooperativas gerais* nas quais logo se achavam 80% dos agricultores do país. As culturas eram particulares, mas eram comuns as estações experimentais, as máquinas, os mercados de consumo e outras instalações importantes. Em 1964, eram mais de duas mil as cooperativas iugoslavas, com mais de 1 milhão e meio de trabalhadores dispendo de vinte mil tratores. O país foi dividido em tipos de regiões agrícolas, cada uma com suas especialidades (Norte, Mediterrâneo, Macedônia e Montanha).

A respeito da eclosão industrial, diz Jean Chardonnat: "A Iugoslávia evoluiu aos poucos querendo chegar à madureza industrial, e utilizar, para isso, as bases minerais e energéticas das quais é muito melhor provida do que qualquer dos outros países danubianos. No seu novo plano de economia socialista dedicou-se ao desenvolvimento de determinadas indústrias-chaves. A industrialização é principalmente feição econômica do Noroeste, na Croácia (Zagreb, Sisak, Brod), na Slovênia (Maribor, Celj) no Bósnia (Vars). Mas as regiões de Belgrado (Zeleznik, Racovitza) e da Macedônia também industrializadas (Skopje, Kumanovo). Em consequência, o programa liberal de 1953 tem produzido resultados satisfatórios. É assim que o iugoslavo, de uma renda anual *per capita* de 70 dólares em 1940, já ultrapassou, em 1966, o "limiar mágico" de 500 dólares *per capita*, passou assim o seu país a figurar entre os "desenvolvidos" e não mais "subdesenvolvidos".

### 3 — A "revolução" de julho de 1966

Este progressivo desenvolvimento da fase titoísta, criando o que pode ser chamado uma nova economia socializada, não se processou sem conflitos ideológicos entre o Partido Comunista e seus elementos conservadores de um lado e do outro o partido comunista liberal que vinha aos poucos obtendo a realização de seus planos. Durou cerca

de dez anos um período de compromissos. Era então Secretário da Comissão Central do Partido Comunista (UDBA) Aleksandar Rankovic, tido como braço direito de Tito e talvez seu sucessor. Na ala comunista liberal, liderava Milovan Djilas, autor da “Nova Classe” cuja pressa em realizar os seus ideais o levou a quatro anos de detenção. Quando Tito se achou suficientemente informado à respeito dos obstáculos que se iam levantar para derrubar as reformas feitas e se opor à evolução normal da nova economia socialista, foi dado o golpe de 1.º de Julho de 1966. O país ficou surpreendido com a demissão de Rankovic, seguida da libertação de Djilas. Um grande debate parlamentar havia precedido esta “revolução” passando o executivo do partido ao reformista Todorovic. Enfrentavam assim os liberais os velhos marxistas conservadores que tinham servido na guerra estrangeira e na guerra civil, e que tinham sustentado Tito contra Moscou e o bloqueio soviético. Todo o país concorda com o programa liberal. O *Norte-Habsburgo* industrial sloveno e croata acredita na “des-estatização” e na “dapoliticalização” da indústria nas chamadas “usinas-políticas” da burocracia comunista; esta última, porém, tem muito a perder no *Sul-Turco*, onde ela predomina nas indústrias.

Os acontecimentos de julho resultavam em grande parte da atmosfera política criada pelas *eleições parlamentares* de 1965 que com o devido respeito ao Partido, revelavam reais tendências liberais. Na Sérvia, por exemplo, cento e vinte candidatos haviam disputado dez cadeiras. O plano econômico de 1965, traçado pelo executivo, teve de ser reformulado doze vezes. Foi assim que Tito se viu levado a romper com a “velha guarda”.

A estrutura política da *Constituição de 1963* prestava-se a nova orientação socialista-liberal, entregando exclusivamente aos trabalhadores de todos os ramos de atividade o poder supremo. O Partido ou “liga Comunista”, afastado da ação política no governo, só

intervém nêlo indiretamente por meio da “Aliança Socialista” chefiada por Tito. São eleitos por quatro anos os 670 membros da *Assembléia Federal* que se divide em cinco Câmaras (Conselho Econômico, Educacional, do Bem-Estar Social e de Saúde, Político-Administrativo e Federal); neste último são representadas as nacionalidades. Esta assembléia elege o *Executivo Federal* de 34 membros e o Presidente (ficando excepcionalmente vitalício Josep Tito).

Todos os meios de *produção*, os minérios e outros *recursos naturais* são propriedade social. O camponês pode ser proprietário de *terra arável* até 10 hectares e o artesanato é livre.

A propriedade *imobiliária* é familiar. O trabalho semanal máximo é de 42 horas.

#### 4 — Entre oeste e leste

A ocupação de *Trieste* pelas fôrças de Tito, no fim da II Guerra Mundial, parecia assegurar-lhes a posse definitiva da cidade. Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França, porém, resolveram devolvê-la à Itália. A ruptura das relações com Moscou privou a Iugoslávia do apoio russo as suas reivindicações, e Tito perdeu Trieste (1954). Com o restabelecimento dos contactos com o Ocidente, outras vantagens compensaram esta perda. A dupla assistência econômica e militar por parte da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos permitiram a Iugoslávia de enfrentar a crise de isolamento que o Cominform lhe impunha.

Cedo encontrou Tito a solidariedade balcânica assinando com a Turquia e com a Grécia, o *Pacto de Ankara* pouco depois seguido da *Aliança de Bled* que veio reforçar militarmente o pacto político (1954).

Em seguida ao desaparecimento de Stalin, melhoraram as relações do governo de Belgrado com as repúblicas socialistas que tinham boicotado a Iugoslávia. O *Cominform* suspendeu o bloqueio e a admissão deste país como

observador no *COMECON* levou à conclusão de vários acordos comerciais. Já então fazia a Iugoslávia parte das reuniões de caráter econômico das Potências Ocidentais, isto é, do *GATT*.

O desejo de reconciliação com Moscou era de tal ordem que nem mais críticas ao Soviet russo eram toleradas: em 1966, de fato, a “questão Mihajlov” levou um professor de lingüística croata a ser julgado e prêsso como “propagador de boatos falsos”. Custou-lhe um ano de prisão.

É verdade que, na mesma época, Djilas era sôlto, perdoadas assim as suas “Conversas com Stalin” que tinham já custado quatro anos.

Com o *Oriente Médio*, o govêrno de Tito procurou incrementar as relações comerciais. Aproximou-se dos líderes indianos, egípcio, algeriano, revivendo o seu projeto de “bloco não-alinhado”. Com a América Latina, sua política econômica o determinou a visitas turis-

ticas. Assim veio ao *Brasil*, em 1963, país para o qual a indústria iugoslava de construções navais havia fornecido grandes navios para o Lóide (Rosa da Fonseca, Ana Neri, Princesa Leopoldina).

Nos *Estados Unidos*, foi Tito bem recebido; mas quando lembrou de mandar auxílio médico para o Vietnam do Norte, obteve apenas o cancelamento da remessa de 500 mil toneladas de trigo destinadas à Iugoslávia. Não influiu no prosseguimento normal de intercâmbio comercial.

A orientação econômica, cumprida por uma política esclarecida, destina à Iugoslávia o desempenho de um papel de primeira grandeza no mundo em rápida evolução. A natureza e a importância das reformas que foram efetuadas num prazo relativamente curto parecem provar que, em Belgrado, os interesses econômicos são tidos como muito mais relevantes do que os conceitos ideológicos.



# ESTADOS DO NORDESTE AFRICANO

THEREZINHA DE CASTRO  
Geógrafa do IBG

## 1 — Núcleo geo-histórico

A *Grande Somália* é uma região que fica no *nordeste da África*, assim denominada por ser *habitada pelos somalis*, povo de estatura elevada, cabelos crespos e pele negra. Trata-se de uma *zona geográfica formada por um triângulo irregular*, cujo vértice é ocupado pelo *cabo Guardafui*. Como um todo geográfico, dêste vértice para o norte, a Somália ocupa uma costa banhada pelo *golfo de Áden*, até a *baía de Tadjura*; o lado interior do triângulo que abrange terras da Etiópia (*Ogaden*) é formado pela geocinclinal ocupada pelo *rio Hauash* (sem saída para o mar), e por uma série de *lagos tectônicos*, dentre os quais o *Rodolfo* é o mais extenso; seguindo-se daí para o *oceano Índico* que banha um dos lados dêste triângulo irregular, será inclinada também uma *região norte oriental de Kênia*.

A Etiópia é na realidade, como Kênia, formada por uma zona montanhosa, apresentando além da geocinclinal, uma meseta que mergulha na direção do litoral, onde se encontram amplas extensões de pedra e areia que formam o território da atual República da Somália.

Esta região triangular tem a denominação geral de "*Cornucópia Africana*". Foi ocupada pelos *semitas* (ancestrais dos etíopes) nas áreas mais altas da meseta e, na parte sul da geocinclinal, onde se encontraram com *grupos negros bantus*. O 3.º elemento a estabelecer-se na região foram os *camitas*, representados pelos *galas*, *danakil* e *somalis*; o elemento camita, durante o século XVI atingiria a mais ampla

expansão, graças à *influência religiosa maometana*, seita a que se haviam convertido no contacto que tiveram com os árabes de Oman, comerciantes nesta costa, desde o cabo Guardafui até a embocadura do Zambeze.

Nesta época, já os semitas (etíopes ou abissínios) haviam se convertido ao *cristianismo* copta, entrando por isso em luta contra os camitas. Os mais ferrenhos perseguidores dos etíopes foram sempre os somalis do grupo camita; os galas, menos fanatizados conseguiram até se mesclar com os semitas e bantus (vide encarte). Por esta razão, poucos são os galas que hoje podem ser considerados como tipos puros; enquanto os somalis e danakies mostram melhor os traços característicos dos camitas.

Quando da *expansão marítima portuguesa*, Vasco da Gama esteve nesta região, já conhecida como Costa dos Somalis; aí encontraram os árabes que, dominando a região durante a Idade Média ligaram-na ao *Sultanato do Zanzibar*.

Os etíopes tentavam no século XIX unificar a região, iniciando sua expansão em território dos somalis, quando se fizeram os *primeiros estabelecimentos europeus aí*. Os *franceses* foram os primeiros (1867), instalando-se em Obok, na entrada da baía de Tadjura, a maior enseada da costa do nordeste africano, quase na saída do estreito de Bab-el-Mandeb. Por sua vez, a *Inglaterra* que desde 1839 havia se estabelecido em Áden, na costa da península Arábica, a fim de proteger a rota marítima para as Índias, procurou garantir-se mais na região; por isso, ocuparam a maior parte da costa banhada pelo golfo de Áden, onde

criaram a *Somália Inglesa* (1882). A vizinhança inglesa, levou a França a proteger sua posição estratégica na região, construindo Djibuti, base naval da Somália Francesa (1884).

A Itália, que desde 1869 havia estabelecido uma companhia comercial em Assab, no estreito de Bab-el-Mandeb, tirando a principal saída dos etíopes para o mar, para rivalizar-se principalmente com a França, ocupou o Pôrto de Massáua (1882) anexando o trecho litorâneo da Eritréia que unia essas suas duas bases navais. Procurando ampliar seu império colonial, os italianos conseguem estabelecer a sua Somália no litoral do oceano Índico, através de concessões obtidas do sultão de Óbia (1889). Essa nova conquista dos italianos tirava da Etiópia outra oportunidade de atingir o mar. Assim, os italianos tornar-se-iam os verdadeiros rivais do *negus Menelik II*, na ocasião em que êste procurava estender sua autoridade para o leste, através de Ogaden, em direção ao litoral dos somalis. A *derrota em Adua* (1896) sofrida pelos italianos que da Eritréia desejavam estabelecer um protetorado sobre as terras do *negus*, levou o *governo facista de Mussolîne* (1935) a tentar a revanche, bem sucedida militarmente; a Etiópia seria salva de desaparecer do mapa, graças a II Grande Guerra que estouraria pouco depois. Por ocasião desta guerra, as forças britânicas apoiadas pelos etíopes se apoderaram do império colonial que a Itália havia construído nesta região.

## 2 — Aspectos geo-econômicos

São grandes os *contrastos climáticos* nesta área do nordeste, englobada na denominada "Cornucópia da África" às costas do mar Vermelho e golfo de Áden, encontram-se entre as terras mais quentes do mundo, já que sua condição marítima de mares fechados nenhuma influência pode exercer. A chuva escassa, não ultrapassando 127 mm, é trazida à região pela monção de inverno, ocorrendo principalmente na zona das escarpas do

maciço Etiópico. Neste maciço, as temperaturas variam, indo até as mais frias, de neves eternas, com punção das diferenças de altitude\*; aí chove de um modo geral todos os meses do ano, de modo a não se poder caracterizar uma estação sêca propriamente dita.

Assim sendo, *as terras mais apropriadas à agricultura estão na Etiópia* e, é praticada de um modo ainda primitivo pelos galas e bantus; os etíopes raramente são lavradores e sim os proprietários, já que formam uma casta social mais elevada.

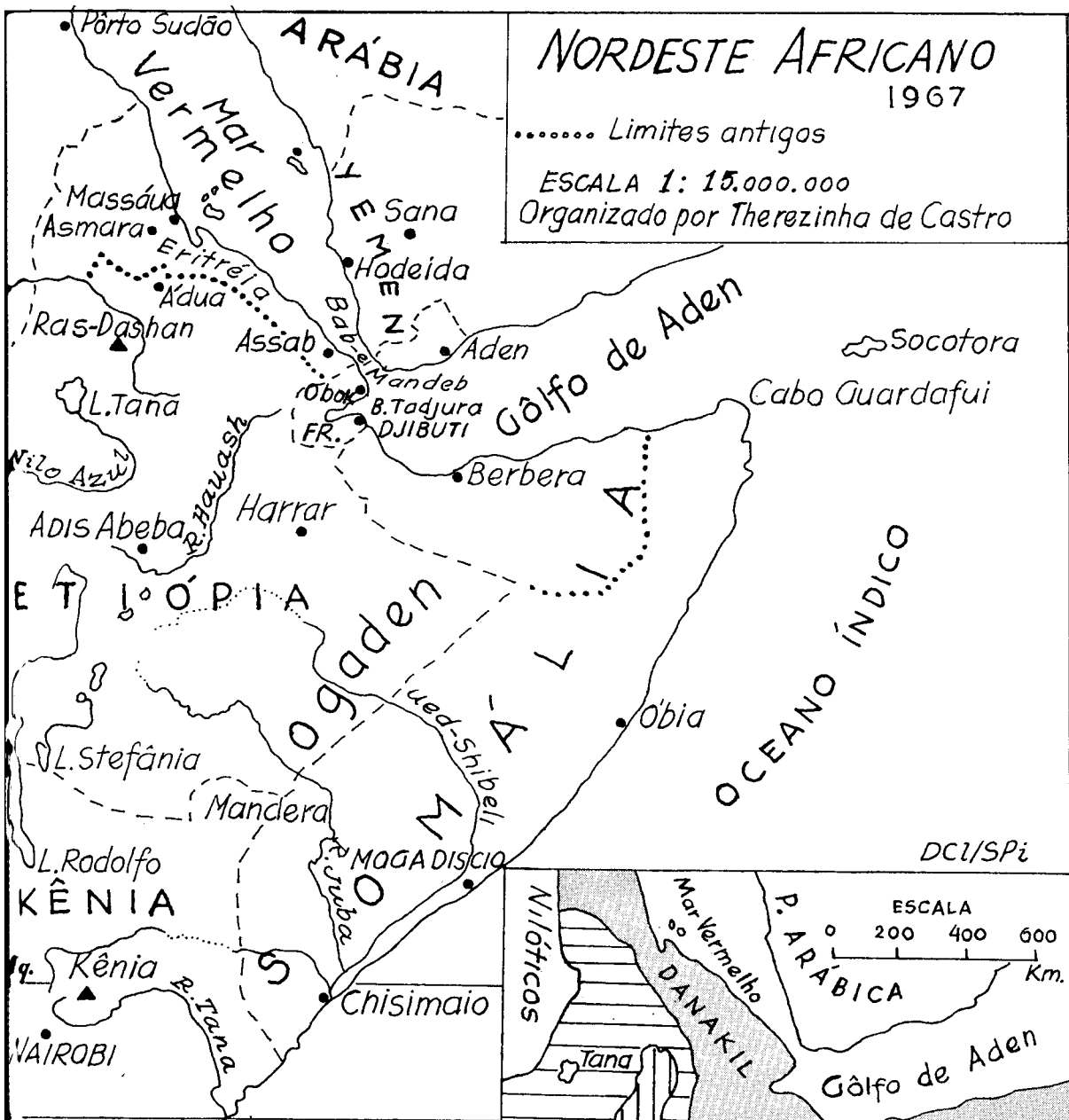
O *isolamento geográfico imposto pelo relêvo da Etiópia* dificultou-lhe as comunicações; com excessão do Nilo Azul que levou esta região a um maior contacto com o Egito. Com a costa da Somália, os intercâmbios foram sempre secundários, até a *fundação de Adis Adeba* (1885) numa altitude de 2 400 metros acima do nível do mar. Aos poucos foi se firmando sua *predominância comercial* na vida do país; esta se tornou mais efetiva a partir de 1929, quando os franceses levaram até ela *uma estrada de ferro cuja terminal era Djibuti*. Graças a êsse acontecimento também, Menelik II pôde estender sua autoridade sobre as províncias de Harrar e Ogaden. Se observarmos o quadro n.º 1, veremos através das estatísticas que a posição geográfica possibilitou maior desenvolvimento agropecuário à Etiópia, se a compararmos com suas vizinhas — Somália e Kênia.

Kênia, por sua vez, que a natureza dotou de alguns recursos *minerais* (vide quadro n.º 2), vem tendo por parte da Inglaterra grande assistência nos *projetos econômicos* que pretende pôr em prática. Em 1965 a Inglaterra investiu em Kênia mais de 40 milhões de dólares, ou seja, o dôbro do que concedeu ao Pakistão no mesmo ano. Por outro lado, o governo de *Jomo Keniata* conseguiu outras fontes financeiras na Alemanha Federal, Estados Unidos e Banco Mundial; tais contribuições já cobriram 70% dos recursos

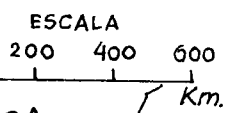
\* No maciço Etíope o ponto mais alto é o Ras-Dashan (3 417 metros) enquanto o pico Kênia alcança 5 195 metros.

# NORDESTE AFRICANO 1967

..... Limites antigos  
 ESCALA 1: 15.000.000  
 Organizado por Therezinha de Castro

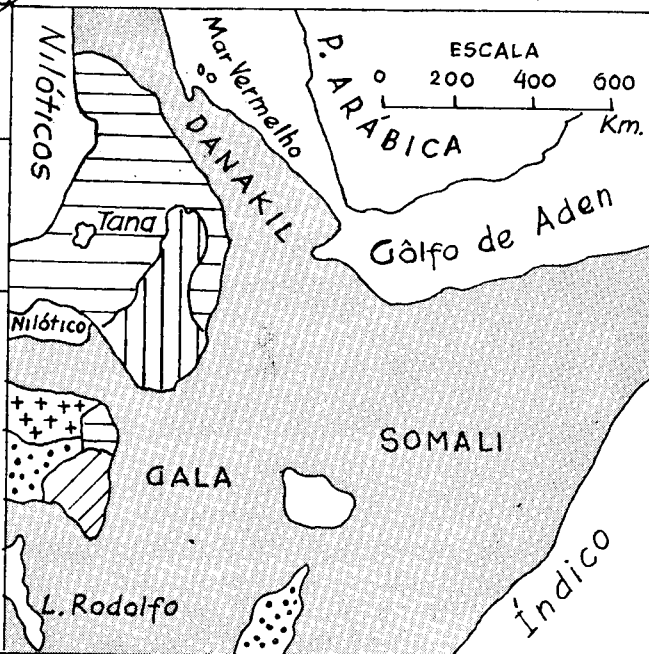


DCI/SPi



## GRUPOS ÉTNICOS

|  |         |  |                            |
|--|---------|--|----------------------------|
|  | Camitas |  | Cruzamento Semita e Camita |
|  | Semitas |  | Cruzamento Semita e Bantu  |
|  | Bantus  |  | Cruzamento Camita e Bantu  |



estrangeiros exigidos para o novo plano econômico de Kênia. A preocupação constante do governo de Nairobi é o desenvolvimento da agricultura; a *reforma agrária* tornou-se o eixo desta transformação econômica. Pondo em prática tal reforma, em fins de 1966, haviam sido transferidas para as mãos de africanos 405 mil hectares de terras, sem provocar reações violentas na população.

As possibilidades agrícolas na Somália são mais promissoras entre os rios Juba e Ueb-Shibeli, onde pode ser plantado — algodão, milho, cana-de-açúcar e amendoim (vide quadro n.º 1). Para que os projetos da antiga Sociedade Agrícola Ítalo-Somali (SAIS) possam ir avante, terá o novo governo da Somália que atrair, os capitais estrangeiros, como seu vizinho Kênia vem fazendo.

### 3 — O problema das fronteiras

Fimda a II Grande Guerra, a Somália ficou entregue à administração dos europeus que aí haviam se instalado — franceses, ingleses e italianos. Ficava no entanto determinado que a região em poder da Itália, seria conduzida e preparada, para sua independência política, dentro de um prazo mínimo de dez anos. Assim sendo, sob a supervisão da ONU começou-se a proceder uma gradual *somalização do governo local*. Nos últimos meses de 1959 já a região era governada por somalis, chefiado pelo Primeiro-Ministro Abdullahi Issa, líder do partido político denominado "*Liga Jovem Somáli*". Enquanto isso, a sua vizinha Somália Inglesa era preparada também para uma independência, porém dentro da Comunidade Britânica. No entanto, *Muhamad Maji Ibraim Egal*, ministro da Somália Inglesa e líder da "*Liga Nacional Somáli*" chegava a um acordo com Abdullahi Issa para a "completa unificação dos dois territórios, sob uma única bandeira, um presidente, um parlamento, enfim, um único governo". Ciente do fato, o governo inglês reuniu-se em Londres,

com líderes da Somália sob sua administração (maio de 1960) concedendo-lhe a independência completa no mês seguinte (26 de junho de 1960).

Obtendo sua independência a 1.º de julho de 1960, a Somália Italiana uniu-se logo à inglesa. Formava-se assim a *República da Somália* sob forma unitária, democrática e parlamentar. As eleições de 13 de julho indicavam *Abdi Rashid Shermarke* para a presidência; este chamou logo para formar o gabinete os líderes das duas antigas Somálias — *Egal* tornou-se ministro do Exterior e *Issa* ocupou a pasta da Defesa.

A II Grande Guerra impedira a Itália de realizar a *integração deste núcleo geo-histórico do nordeste africano*, através da formação da Grande Somália. Passavam a coexistir aí as seguintes unidades políticas: a *Etiópia unida à Eritréia* como Estado Federado, obtendo por isso uma saída para o mar; a *Somália Francesa* território de ultramar da França; e a *República da Somália*, nascida da união dos territórios italianos e ingleses.

O ideal da Grande Somália poderia ser pôsto em prática por *Hailê Selassié* da Etiópia; no entanto, a ele se oporia o pan-arabismo, de inspiração nasseriana, que pretende o reagrupamento dos somali — mulçumanos das áreas circunvizinhas, pertencentes hoje à Etiópia, Kênia e ainda à Somália Francesa. As potências ocidentais procuram conservar sua influência na região apoiando a Etiópia. A Inglaterra, a grande interessada, procura defender sua posição estratégica amparando *Kenia* que se tornou, independente (1964) dentro da Comunidade Britânica.

O problema atual da Somália é assim o de suas fronteiras indefinidas, já que tendo sido arbitrariamente delimitada, não abrangeu no todo o seu núcleo geo-histórico. O próprio *Hailê Selassié* da Etiópia previu uma situação de instabilidade no nordeste da África, logo que se concretizou a união das duas Somálias.

Em 1961 iniciavam-se as hostilidades com a Etiópia, já que a República da Somália reclama a *anexação da província etiópica de Ogaden* habitada em sua maioria por somalis. Na realidade, a República da Somália deseja a união a seu território dos 500 000 somalis que vivem não somente em Ogaden, mas também na Somália Francesa e no distrito do nordeste de Kênia que lhe é fronteiro. Neste setor, a situação tem estado tensa mormente a partir de 1963. Sabendo da próxima independência de Kênia (realizada em 1964), as tribos somalis do nordeste, desejaram separar-se para formar a *projetada Federação do Leste Africano*; apesar da votação feita (1962) e na qual 87,76% votaram pela secessão, a independência política de Kênia foi proclamada sem que tivesse sido feito este desmembramento.

As fronteiras artificiais da Somália, põem assim, frente à frente a Rússia e Inglaterra nesta área do nordeste africano. Por sua vez, Nasser, o líder do pan-arabismo, não esconde suas simpatias pelo ideal da Somália.

Em princípios de maio de 1967, o governo de Nairobi, advertiu a República da Somália que tomaria providências sérias, caso este último país continuasse apoiando os shiftas, grupo de características étnicas somali, que operavam como terroristas na província norte-oriental de Kênia. A Somália afirma que está disposta a iniciar conversações de paz, já que a disputa da região é uma *questão de autodeterminação*, prevista nos estatutos da ONU. Para Kênia a questão se resume na Somália reconhecer o direito que os cidadãos de origem somali têm de viver sob as leis do governo de Nairobi.

A Rússia, até o presente momento, a principal abastecedora de armas da Somália, não parece muito interessada a arriscar-se neste conflito; Nasser, por sua vez, tem suas atenções inteiramente desviadas para o Oriente Médio, onde Israel é sua principal preocupação. A Inglaterra pede à Kênia que tenha paciência e, que antes de tudo apresente seu caso a OUA (Organização da Unidade Africana) e a ONU.

## QUADRO ESTATÍSTICO (1965)

### 1 — Agricultura e Pecuária

| PRODUTO           | Kênia             | Somália          | Etiópia            |
|-------------------|-------------------|------------------|--------------------|
| Chá.....          | 20 200 toneladas  | —                | 803 000 toneladas  |
| Milho.....        | 120 000 >         | 22 000 toneladas | 714 000 >          |
| Café.....         | 45 600 >          | —                | 93 000 >           |
| Algodão.....      | 8 000 >           | 3 278 >          | —                  |
| Mandioca.....     | 200 000 >         | —                | —                  |
| Amendoim.....     | —                 | 2 000 >          | —                  |
| Trigo.....        | 145 000 >         | —                | 282 000 >          |
| Cana.....         | —                 | 149 700 >        | 750 000 >          |
| Grão de Bico..... | —                 | —                | 170 000 >          |
| Rovinos.....      | 7 206 000 cabeças | 842 000 cabeças  | 25 370 000 cabeças |
| Ovinos.....       | 1 630 000 >       | 8 200 000 >*     | 24 634 000 >       |
| Equinos.....      | 4 000 >           | —                | 1 331 000 >        |
| Assininos.....    | —                 | —                | 5 086 000 >        |
| Caprinos.....     | —                 | —                | 18 095 000 >       |
| Suínos.....       | 36 000 >          | —                | —                  |

\* Total de Ovinos e Caprinos.

### 2 — Produção Mineral de Kênia

|                |                 |
|----------------|-----------------|
| Magnesita..... | 200 toneladas   |
| Ouro.....      | 338 >           |
| Prata.....     | 52 422 onças    |
| Cobre.....     | 2 100 toneladas |
| Sal.....       | 26 700 >        |
| Asbesto.....   | 200 >           |

FONTE: *Almanaque Mundial* (1967) — Seleções do Reader's Digest — Rio, 1966.

# A INDONÉSIA E O SUDESTE ASIÁTICO

DELGADO DE CARVALHO

## 1 — A Insulíndia

Um Estado-arquipélago de três mil ilhas vulcânicas e coralinas constitui, desde 1945, a nação indonésia.

É cortado, na parte central de sua área pela linha equatorial e conta uma população de mais de cem milhões de habitantes, de etnias diversas. Do lado do Oceano Índico, as ilhas se sucedem do Noroeste para Sudeste em linhas quase contínuas, diminuindo, sucessivamente, de tamanho, desde *Sumatra* até *Timor*, com pequenas interrupções de canais e estreitos (Sonda, Lombok e outros). De tôdas as ilhas, destacam-se, no Oceano Pacífico, as ilhas de *Bornéo* (ou *Kalmantan*), *Celebes* (ou *Sulawssi*), as *Molucas*, *Ceram* e as do Mar de *Banda*. A mais importante, embora não seja a maior, é a ilha de *Java* que, com suas vizinhas menores *Madura* e *Bali*, concentra a metade da população total da república, ocupando apenas 9% do arquipélago. Daí o domínio que exerce o javanês nos destinos da Indonésia. Java é o principal consumidor, mas Sumatra é o grande exportador. Bornéo é a ilha maciça cujas  $\frac{3}{4}$  partes pertencem a Indonésia; é a terra equatorial pouco povoada.

O relêvo da Insulíndia é formado pelas dorsais paralelas que da Indo-China para Sudeste, prolongam os Himalaias, por meio destas ilhas alongadas, sujeitas a abalos sísmicos. São poucas as planícies.

O clima equatorial é de fracas amplitudes térmicas; a variedade sazonal resulta da distribuição das chuvas, sendo a monção do Oceano Índico a mais húmida. A vegetação é exuberante

e as florestas ainda cobrem 70% das ilhas, principalmente Bornéo.

Da Insulíndia também fazem parte as ilhas Filipinas.

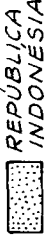
## 2 — Recursos Econômicos

“Unidade na Diversidade” é o lema que figura nos emblemas nacionais da Indonésia. A segunda palavra da expressão é particularmente exata, refletindo a verdadeira diversidade *étnica, lingüística* e *religiosa* do arquipélago onde se encontram *malaios, índios, chineses, europeus* (em menor número) praticando *hinduísmo, budismo, maometismo* e *cristianismo*. São povos que vieram por ondas humanas sucessivas ocupar as diferentes ilhas onde já existiam elementos mais antigos, negritos papus e vedas, mais ou menos aparentados aos papus australianos. A insalubridade das várias partes do território contribui ainda a diversificação dos usos e costumes. É assim que Bali, ilha vizinha de Java, dela se distingue pelas tradições, pela cultura e mesmo pela religião hindu-budista nela mais difundida e conservada.

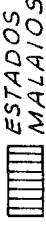
Econômicamente, os três séculos e meio que durou a *ocupação holandesa* deram a esta grande diversidade étnica uma certa unidade e incontestável adiantamento *cultural* e *material*. Mas o progresso assim trazido era mais moldado sobre as necessidades econômicas e políticas dos colonizadores do que sobre as das populações indígenas. Um sistema *semifeudal* de propriedade e exploração beneficiava os indonésios na sua vida material, mas não os preparava suficientemente para uma *vida administrativa*. Por isso, tanto a política como a economia da Indonésia se achou

# INSULÍNDA

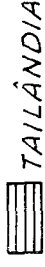
(1967)



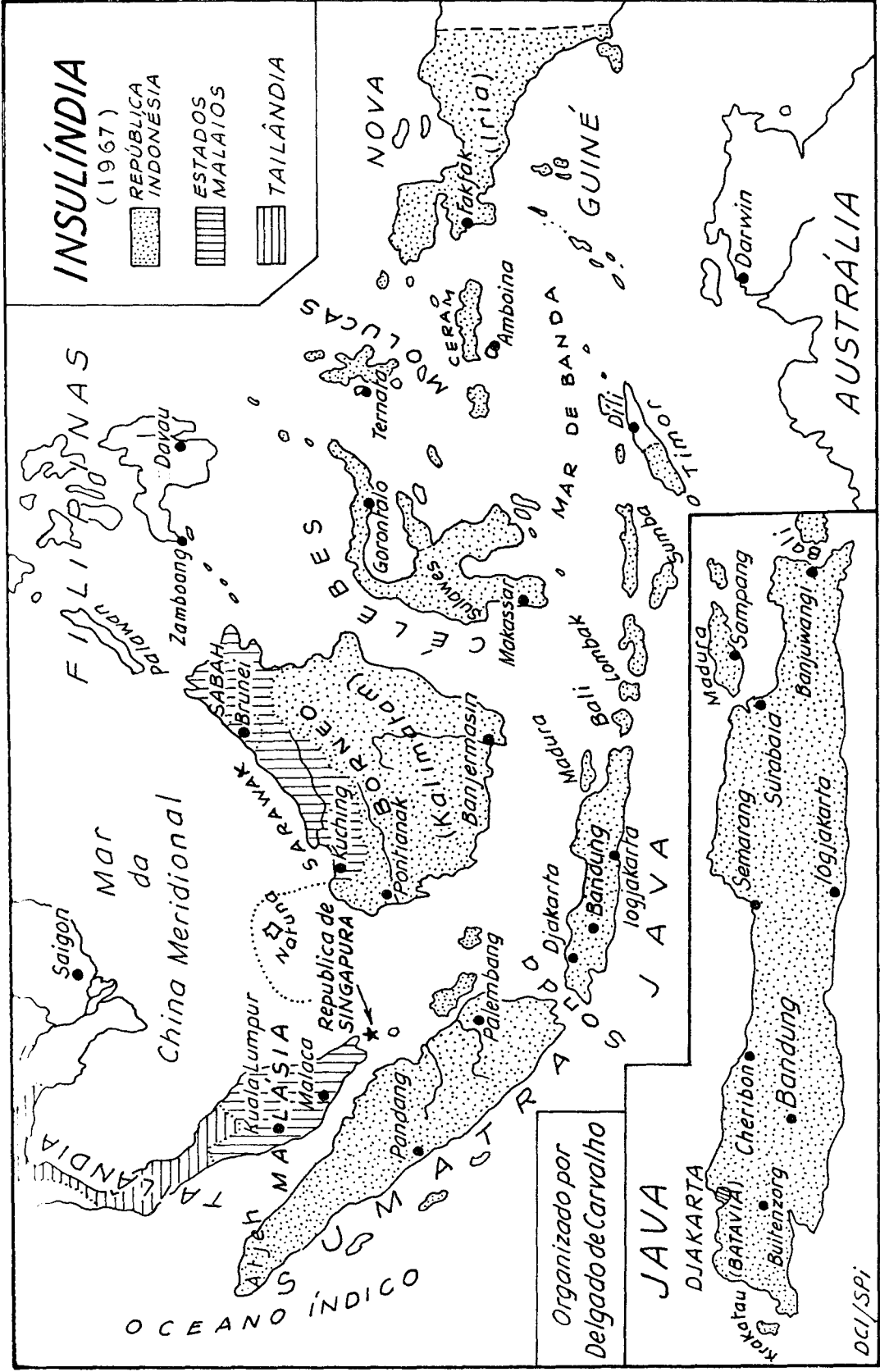
REPÚBLICA  
INDONESIA



ESTADOS  
MALAIOS



TAILÁNDA



Organizado por  
Delgado de Carvalho

JAWA  
DJAKARTA

DCI/SPI

em dificuldade quando se tratou de vida nacional independente.

Não há dúvida que o desenvolvimento econômico se verifica não somente na criação de *gado*, como na produção de *arroz*, *mandioca*, *amendoim*, *culturas de subsistência*, e de cana-de-açúcar, chá, café, tabaco, côcos e outras *culturas comerciais*. Mas a vida econômica fundamental da Indonésia se resume em duas exportações principais: *borracha* e *petróleo* e duas maiores importações: *arroz* e *tecidos*.

A *borracha* que chegou a representar cerca de 50% da exportação indonésia se acha em relativa decadência; as plantações holandesas nacionalizadas e as restrições impostas às novas plantações criaram situações que favorecem o contrabando entre Sumatra e a Maláia.

O *petróleo*, em compensação, viu crescer a sua exploração; tirou proveito (como outros produtos) da Guerra da Coréia. Continua, porém, explorado por grandes empresas estrangeiras do Ocidente. Ameaçadas estas de nacionalização, não obtêm do governo novos contratos desde 1950 para modernizar o seu aparelhamento.

Tem crescido a produção de *arroz* mas continua sendo importação principal, crescendo sempre o seu consumo. Quanto aos *tecidos*, não faltam fábricas mas matérias-primas. O trabalho urbano está organizado, mas o trabalho rural (80% da população) oferece mais estabilidade e permite relativa auto-suficiência.

### 3 — Precedentes históricos

Foram muito antigos os contatos das ilhas da Insulíndia com a *Índia* e a *Indochina* e existem, a este respeito, muitas lendas javanesas. Chegaram a se constituir, na Idade Média, os primeiros reinos indonésios. Sucederam-se monarquias mais ou menos extensas. O mundo árabe nêles se abastecia de *estanho*, *marfim*, *cânfora*, *especiárias*. Uma das mais célebres monarquias foi, no século XIV, o Reino de *Modjopahit*

sob o regime feudal. Depois da visita de Marco Polo, vindo da China, Kubilai tentou estabelecer o seu domínio sobre toda a Insulíndia, mas foi repellido pelo príncipe Vijava. Começou, entretanto, naquela época, a imigração chinesa.

Já então, infiltravam-se no arquipélago os *comerciantes árabes* que lhe traziam o *Islão*, tornado cedo religião preponderante das ilhas. Coincidia com a sua propaganda a fase de maior *expansão comercial* que atraiu os europeus.

Vieram primeiro os *portuguêses* ocupando *Malaca* em 1511 e, dez anos depois, os *espanhóis* chegando às *Molucas*. O *tratado de Saragoza* (1529) eliminou a concorrência espanhola. A idéia de cristianizar as populações ainda animistas foi abandonada cedo para negociar, em melhores termos, com os príncipes indígenas, a exploração das especiarias. São Francisco Xavier visitou *Ternate* em 1546. Não demoraram ingleses, franceses e espanhóis em fazer concorrência aos portugueses. Finalmente, a falta de recursos e a anexação de Portugal (1580) determinaram o declínio do tráfego português na Insulíndia, onde só *Timor* permaneceu colônia lusa.

No fim do século XVI apareceram os *holandeses* que seguiram o misterioso roteiro de ultramar dos portugueses pelo Cabo da Boa Esperança. Em 1595, apresentavam-se em *Bantam* (Java) e, em seguida, multiplicaram-se as companhias batavas para o comércio das especiarias da Insulíndia, estendendo-se até Ceilão e Japão. Cedo, porém, a burguesia comerciante e rica preferiu substituir estas Companhias pela *Companhias das Índias Orientais* que as incorporou (1602) sob a inspiração de Oldenbarnevelt. Começava assim a dominação progressiva dos *Holandeses* na *Indonésia*, onde demoraram três séculos e meio. Em 1619, é tomada a fortaleza de Jacatra (hoje Djakarta) e fundado por Coen a cidade de *Batávia*.

A custa de lutas e de revoltas com os imperantes locais, os *holandeses*



conseguem ocupar os principais portos em tôdas as ilhas e a impor as culturas que mais convinham ao seu comércio europeu. O período de 1650 a 1750 foi um século de grande prosperidade; em 1651, Van Riebeck tomava o *Cabo da Boa Esperança* para servir de escala. As crises políticas da Europa, porém, abalaram a situação da Companhia e, durante a Revolução Francesa, desapareceu a Companhia substituída pelo *Estado* (1799). As hostilidades inglesas do período napoleônico cessaram e os Países-Baixos recuperaram a Indonésia.

Tiveram os holandeses de enfrentar uma grande insurreição javanesa de 1825 a 1830, como a que enfrentaram mais tarde os ingleses na Índia com os Cipayos. Era chefiada pelo príncipe Nagara, de Djokazta. Em seguida foi adotado o famoso *sistema Van den Bosch* que tornou o trabalho obrigatório sob fiscalização do governo. Um quinto das terras e um quinto do trabalho, em horas de corveia, eram impostas à população indígena. Desenvolveram-se consideravelmente as culturas de *tabaco, cana, café, indigo* e outras culturas de exportação. O regime era de monopólio do Estado, enriquecia o governo, mas não evitava a fome nem melhorava a vida dos indígenas. Crescia entretanto a população, e não era porém favorecida a colonização livre.

Só com a abertura do canal de Suez foi se desenvolvendo a emigração holandesa para as *Índias Holandesas* e, aos poucos foram abandonadas as normas do sistema Van den Bosch. Em Buitenzorg, iniciaram-se os estudos científicos de botânica tropical. Surgiram algumas fábricas e usinas, mas a industrialização era impedida pelos interesses metropolitanos. O Canal de Suez e o estreito de Malaca valorizaram a produção de *Sumatra* e foi nesta ilha que os holandeses tiveram de sustentar uma longa guerra contra os sultões de *Atjêh*, só terminada em 1908. O século XX assistiu ao desenvolvimento da *hevea, da iupalmeira de óleo* (Elois) e das zonas de petróleo (Royal Dutch Shell).

Movimentos intelectuais e reformistas, principalmente de objetivo econômico, deram no princípio deste século (Serakat Islam 1911). Mas foi em seguida à I Guerra Mundial que os problemas políticos foram objeto de movimentos nacionais. O Conselho Popular ou *Volksraad* passou a ter função política e as Índias Holandesas receberam a *Constituição de 1922* que denominava as "colônias" apenas "territórios de Ultra-mar", com um Governador-Geral e órgãos representativos que se iam multiplicando. A revolução Chinesa de 1911, os triunfos de Atatürk, a Revolução Soviética exerceram influência marcada: em 1920, fundava-se o *Partido Comunista Indonésio* (PKI); sete anos depois, aparecia o *Partido Nacional Indonésio* (PNI). Vários outros partidos políticos se criaram e as Índias Holandesas se achavam em plena crise nacional quando é formada a *Universidade de Djocakarta* (1942) e a Metrópole invadida não está mais em condições de fazer as reformas necessárias.

Já possuía o *Japão* grande interesses econômicos na Insulíndia quando em princípios de 1942, o estado de guerra levava os japoneses a ocupar Malaca, Bornéu, Bandung, Sumatra e outras ilhas que se tornaram bases da *economia de guerra* do Japão. Bem acolhidos, os japoneses entregaram a administração aos *líderes nacionalistas* (Sukarno, Hatta). E, 1945, Batavia (voltando a ser Djakarta), proclama a independência da *República Indonésia*.

#### 4 — A independência

Ao serem retiradas as forças japonesas de ocupação, desembarcaram nas ilhas os *ingleses*, a espera da volta dos holandeses. Iniciou-se então o conflito entre a jovem República e os seus colonizadores. *Sukarno*, que desde 1927, lutava pela independência e havia se conformado com a ocupação japonesa, expôs ao novo governador *Van Mook* as condições exigidas pela República. O mundo islâmico não aceitava geralmente, de bom grado a volta do regime

colonial holandês na Insulíndia. Retirados nas regiões centrais de Java, os republicanos iniciaram as hostilidades como também as negociações, que foram longas, sendo assinadas *dois acordos*: um, em 1946 (Lingajati), não respeitado e outro, em 1948 (Renville). O O governo de Haia determinou duas vezes operações ditas de *Ação Policial*. Uma insurreição Comunista em 1948 foi abafada pela autoridade republicana de Sukarno-Hatta. Por fim, em Haia, reuniu-se a *Conferência da Mesa-Redonda* e, em 1949, os holandeses transferiram a soberania para o govêrno da *República dos Estados Unidos da Indonésia*, sendo a cerimônia realizada em Amsterdam, entre a rainha Juliana e Maomé Hatta. Obedecia o nôvo regime a uma *Constituição Federal* de 16 Estados.

Nasciam então duas correntes de opiniões: os federalistas e os republicanos unitários. Não tardou, em consequência, a ser simplesmente abolida a carta constitucional federal e dividido o Estado apenas em *províncias*. Aos poucos também foram denunciadas as ligações da *União Holando-Indonésia* no plano administrativo. (1954-56).

As idéias de Rousseau, Locke, Kant, Marx e Lenin ilustravam a ideologia política da elite, mas a Holanda em nada havia preparado o país para lhe conferir *experiência administrativa*.

## 5 — Evolução política

Durante os primeiros anos que seguiram a independência, o govêrno da Indonésia foi entregue à *colaboração política* de Sukarno e de Hatta: o primeiro manipulava, o segundo negociava; nem sempre estavam de pleno acôrdo e acabaram rompendo; sendo Hatta, o mais moderado, e Sukarno, o mais arrojado. Encaminhava-se, de fato, Sukarno para um “Marxismo Indonésio” em tanto místico, cujas doutrinas políticas, o USDEK constavam de cinco princípios: Nacionalismo, Internacionalismo, Democracia, Justiça Social e Fé em Deus (para satisfazer os muçulmanos). Em 1959, no seu *Mani-*

*festos Político* Sukarno inaugurou o govêrno denominado “*Democracia Orientada*”. A República estava teoricamente unificada, mas o Parlamento, dotado de cerca de trinta partidos não servia de base sólida à administração.

Aos governos moderados a liberais, que Hatta havia presidido, sucederam os governos organizados por *Sastro-Amijojo* que se orientou mais decididamente para relações com os países comunistas; procurou também manter o contrôle civil às forças armadas, dirigir o parlamento e impor a autoridade central nas províncias. Em política externa, foi uma fase de grande atividade, pois reuniu a *Conferência Ásio-Africana de Bandung*, em 1955, liderou o *bloco neutralista*, despertou a questão da *Nova Guiné*, e preparou as eleições gerais, contando com o apoio comunista para estabelecer a *hegemonia indonésia* no sudeste asiático.

A multiplicidade dos partidos não facilitava o regime de Democracia Orientada. Além do PNI (Partido Nacionalista) do masjumi (partido mulçumano moderado) e do NU (partido conservador) distava-se o PKI, o *Partido Comunista* que vinha crescendo. A tendência de Sukarno para as esquerdas e o comunismo determinava resistências não só nos meios militares, mas também em Djakarta, em Sumatra e em Sulawesi. Foi assim que se deram nestas ilhas as insurreições de 1958 que Sukarno reprimiu militarmente.

A “Democracia Orientada” era uma filosofia estatal que procurava atenuar as divergências ideológicas e, principalmente, estabelecer a estrutura ditatorial de Sukarno, tornado presidente vitalício. Entretanto, faltavam-lhe recursos financeiros: crescia a inflação e a manutenção de numerosa burocracia, de indústrias nacionalizadas e de um grande exército de 400 mil homens, indispensável ao desempenho do papel que se atribuía no sudeste asiático, limitavam os recursos necessários às reformas. Aliás, a reforma agrária era combatida pela aristocracia, a reforma da educação pelas seitas religiosas. O

próprio auxílio exterior era causa de rivalidades entre grupos. Principalmente depois de 1960, os partidos em conflito impediam a coordenação de uma frente nacional no governo.

Estas circunstâncias, em parte, a tendência do presidente Sukarno de favorecer o partido comunista que mais o apoiava e de procurar, na política exterior, uma diversão às dificuldades que tinha de enfrentar. A questão da *Guiné Ocidental* foi a sua melhor oportunidade.

Quando a Holanda reconheceu a independência da Indonésia, não havia incluído no território do novo Estado a *Iria* ou *Guiné Ocidental*, embora esta parte da Papuasias lhe fôsse de pouco proveito. O feito foi mais proveitoso à Indonésia cujo governo não demorou em se servir do pretexto para repudiar a dívida holandesa, intervir em empresas holandesas de navegação e de criação, em fomentar greves e, por fim, romper relações diplomáticas. A questão levou vários anos a ser resolvida; houve intervenções de nações amigas e, por fim, das Nações Unidas. Em 1962, falou-se de *plebiscito*, mas a Indonésia exigia ser feito sob o seu controle. Por fim, a administração da *Iria* foi temporariamente transferida às Nações Unidas que oito meses depois, em 1963, entregaram o território à soberania indonésia. Era uma vitória diplomática de Sukarno; assim por isso, deixaram os Países Baixos de ajudar econômica e culturalmente o país no qual muitos interesses ainda mantinham.

## 6 — Política exterior

Se a política externa de Jakarta, qualificada por Sukarno de “neutralismo independente e ativo, obteve incontestáveis sucessores, com *Bandung* e a ocupação da *Iria*, o seu neutralismo era caracterizadamente de *tendências esquerdistas*, anti-capitalistas, e seu ativismo visava como principal potência do sudeste asiático, estabelecer a sua liderança na Insulândia.

Cedo começou Sukarno a assumir uma atitude internacional saliente. Foi pessoalmente falar na *Assembléia das Nações Unidas*; propôs remover a sede da instituição para uma cidade da Ásia ou da África; sugeriu reformas nos seus estatutos. Numerosas foram as suas *visitas oficiais* a vários governos, incluído o governo brasileiro. Aos poucos, cresciam sentimentos anti-britânicos e anti-americanos nas atividades do governo indonésio, ao ponto de, em 1965 (janeiro), retirar a sua participação nas *Nações Unidas*.

Apoiado no partido PKI a orientação esquerdista se acentuava, talvez mais para o *comunismo chinês* do que para o russo, embora o tratamento reservado à numerosa população chinesa na Indonésia fôsse de marcada intolerância econômica, em vistas das medidas contra os pequenos comerciantes e traficantes chineses.

Um dos últimos planos da política internacional de Sukarno, foi a criação de ligações de consulta, segurança e defesa com a *Malásia* e as *Filipinas*; foi o acordo assinado em *Manila* (1963) dito *Maphilindo*. As dificuldades, porém, não tardaram a surgir quando a Grã-Bretanha resolveu criar na Insulândia o *Estado Malásio*, dotado de suas dependências na ilha de *Bornéu* e do posto de *Singapura*.

O governo de Sukarno julgou o caso como uma tentativa britânica de “neo-colonialismo” para restringir a influência indonésia no sudeste asiático. Sacrifícios financeiros e militares foram feitos por Jakarta para promover guerrilhas nas fronteiras de *Bornéu* e desembarque de “voluntários” na Malásia, hostilizando a nova república e favorecendo as reivindicações filipinas no norte de Boreso. Quando Singapura foi desmembrado da Malásia, melhoraram as condições do “Maphilindo”. A atuação da Indonésia na Insulândia também despertou suspeitas na *Austrália*, a cuja administração ainda cabe à *Guiné Oriental*. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos garantem ao governo australiano a sua defesa contra amea-

ças à sua integridade territorial, incluindo contra tentativas indonésias de "libertar" os Papuas da grande ilha que pertencia, em parte, à Austrália.

Este estado de coisas estava destinado a ser sensivelmente modificado, na Indonésia, em 1965, quando a ala comunista mais numerosa politicamente, porém mais fraca militarmente, julgou oportuno tornar Sukarno independente das forças armadas. Assim, a 1.º de outubro deu-se em Jakarta o golpe revolucionário chefiado pelo *Coronel Untung*, com o assassinato de três generais direitistas, tidos como perigosos. O golpe foi cedo abafado, sendo a reação operada sob o comando do *General Suharto*. O chefe do Estado Sukarno e o *General Nasution* foram, apenas politicamente isolados, pois ainda era demais popular a figura deles para serem afastadas do govêrno. Aos poucos, entretanto, Suharto foi se tornando o presidente assistente em função, sendo mudados os ministros e principais funcionários. Coincidiu com as mudanças uma perseguição indiscrimi-

nada dos comunistas que causou numerosas vítimas entre os PKI e os esquerdistas do PNI.

Um programa elaborado pelos estudantes, dito "plano Kami" propôs substituir a "Democracia Orientada" por uma *Nova Ordem*. O plano foi em parte seguido pelos auxiliares de Suharto, seus ministros, Malik e o Sultão de Jogjakarta. O PKI foi abolido, o marxismo proibido e a *presidência vitalícia de Sukarno* (votada 3 anos antes) foi cassada.

Em política internacional o primeiro-ministro Adam Malik redefiniu a posição da Indonésia, depois de visitas oficiais feitas nos *Estados Unidos*, *Japão*, *Rússia* e *Filipinas*. Voltou então o país a fazer parte das Nações Unidas; um novo acôrdo foi assinado em Bangkok para o estabelecimento de uma "política de boa vizinhança" com a Malásia. Melhores condições de pagamentos de dívidas foram obtidas das Potências Ocidentais e do Japão, em vista de economias planejadas em matéria de burocracia e de armamentos.